

VALORES SOCIAIS DE JOVENS DE DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS: EM PAUTA A EDUCAÇÃO

Vilmar Ezequiel Santos
Cássia Baldini Soares*****



O objeto do estudo são os valores sociais relacionados à educação. Trata-se de uma linha de investigação (SOARES, 2007) da saúde coletiva que parte do pressuposto de que embora os valores juvenis tendam a perpassar as classes sociais assumindo dimensão totalizadora, própria do estágio atual do capitalismo, é possível que os matizes que assumem nas diferentes classes sociais, em embate com as condições materiais concretas dos processos de socialização, resultem em diferentes modos de perspectivar a aquisição de condições e capacidades para a vivência da adultez.

Viana (2007a) refere que o valor está impresso nos objetos que no capitalismo se transformam em mercadoria. Os valores são constituídos socialmente e podem tanto se referir à reprodução de um padrão social dominante (axiologia) como a um conjunto de valores que visam à emancipação do homem das formas de opressão e de dominação social (axionomia). Há uma dialética instaurada nas relações sociais capitalistas; por um lado, as *formas de regularização necessárias à manutenção das relações antagônicas* (VIANA, 2007b, p.106), que sustentam a exploração e dominação social, e, por outro, formas de resistência que visam à transformação dessas relações.

Para estudar os valores sociais dos jovens assume-se que juventude constitui categoria social complexa e heterogênea e que expor a realidade sobre seus valores significa captar e compreender diferentes realidades em que vivem e se constituem.

Significa compreender as relações sociais capitalistas mais gerais que amoldam as diferentes realidades. Dizer que é uma categoria social significa firmar uma posição teórica que a distingue de algo natural ou restrito à noção de grupo etário, para situá-la em relação indissociável e dialética com a sociedade que a constitui (GROPPO, 2004).

Apropriar-se da categoria juventude, do ponto de vista sociológico, tem sido fundamental para a saúde coletiva, pois os problemas que os jovens enfrentam na contemporaneidade não conseguem ser explicados pela sua condição etária, mas relacionam-se diretamente com os distintos processos de socialização que vivenciam de acordo com seu pertencimento de classe que por sua vez encontram-se na base dos padrões de reprodução social de suas famílias (SOARES, 2007).

A historicidade da juventude e de suas fases é explorada por Birman (2006, p.32), que reporta-se ao início da década de 1960, no Brasil, para mostrar que o período chamado de adolescência começava mais tarde do que nos dias atuais e terminava também mais cedo. À infância com duração mais longa correspondia maior presença da família no processo de socialização. Dentre os critérios do autor para justificar essas mudanças está a multiplicidade de novas exigências para as crianças em relação à educação e ao aprendizado, o que enfatiza a rivalidade entre os pares e produz esvaziamento das relações de afeto e da solidariedade. Essas mudanças se justificam também em razão das novas conformações familiares, com diminuição de filhos e acentuada ausência dos pais. A solidão resultante é preenchida *pela presença avassaladora de jogos eletrônicos e pela televisão, de forma que a criança convive ativamente com personagens virtuais, o que perturba mais ainda a sua já precária experiência de alteridade.*

O autor discute a ocorrência nesse período de diversos movimentos políticos que possibilitaram romper com a dependência que tinham em relação aos seus pais, com tendência a se lançarem para experiências mais arriscadas e de rebeldia. Em função do dinamismo da economia brasileira, encontraram maiores possibilidades de ingresso no mercado de trabalho, culminando em padrões mais precoces de independência.

No entanto nas décadas seguintes a situação se tornou mais preocupante, com o agravamento da crise no mundo do trabalho, que dificultou ainda mais o ingresso no mercado de trabalho dos jovens, postergando ou até inviabilizando a saída da situação de dependência dos pais, que o autor (BIRMAN, 2006, p.39) denomina como *dramática e real, ao mesmo tempo.*

Para Viana (2004, p.28), não basta situar a juventude como categoria social, é preciso *compreender como a sociedade capitalista engendra a juventude e por qual motivo*. Por isso vai situar a discussão a partir da *perspectiva da complexidade da divisão social do trabalho como base central dos processos de socialização dos jovens*. Adentrar o mundo adulto no contexto da sociedade capitalista significa um momento de decisão profissional e preparação para inserção no mercado de trabalho. Esse processo ocorre de forma desigual e em idades diferentes a depender das diferentes condições de reprodução social dos jovens, *pois o trabalho começa mais cedo para quem é proveniente das classes exploradas*, o que inclui outras responsabilidades sociais. Nesse contexto de passagem para a “vida adulta”, marcada por relações sociais que colocam o jovem em situação *de vir a ser*, a escola se apresenta como instituição fundamental de preparação da força de trabalho para inserção no mercado de trabalho.

Objetivou-se neste estudo analisar os valores sociais de jovens escolares, em diferentes realidades, buscando relacionar as particularidades dos contextos em que vivem com as tendências valorativas que expressam sobre educação.

Metodologia

A investigação seguiu diretrizes metodológicas da vertente do materialismo histórico e dialético, procurando ressaltar os fundamentos da pesquisa qualitativa coerentes com esse referencial: o pesquisador encontra-se na posição de interagir com o entrevistado, assumindo atitude e disposição para entender o sentido que os sujeitos estão atribuindo às suas experiências (CHIZZOTTI, 2001); os sujeitos de pesquisa são situados a partir de suas relações sociais concretas o que condiciona suas formas de representar a realidade. Soares e outros autores (2011) referem que o estudo de valores revela a essencialidade da formação de juízos e escolhas sendo que há valores que refletem a ideologia dominante, perpassando todas as classes sociais, mas também há valores que refletem os interesses de classe, esses não são universais, são constituídos nas relações e atividades sociais.

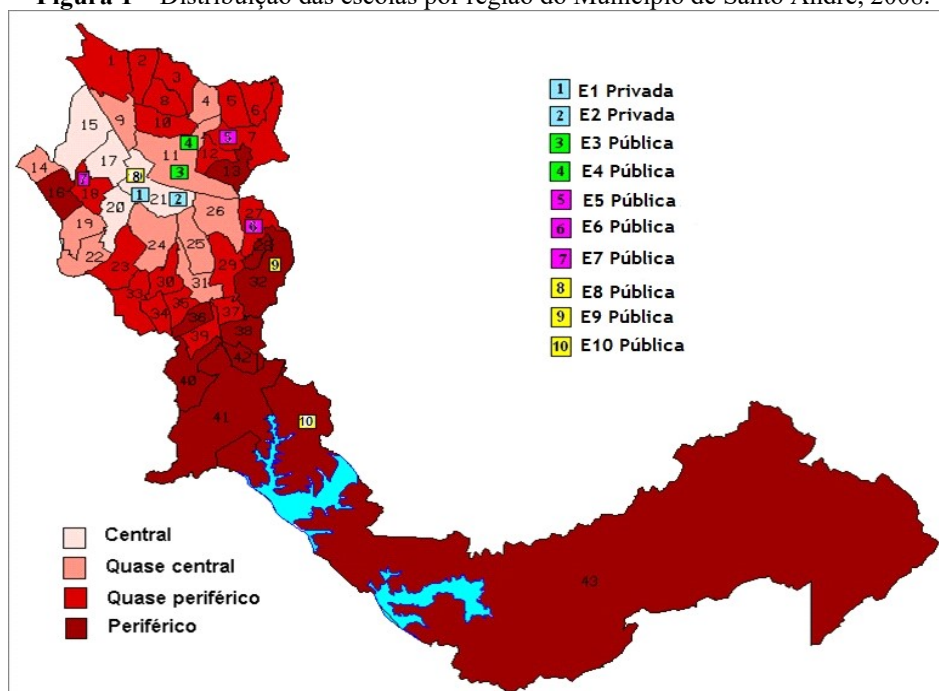
A pesquisa foi realizada no Município de Santo André situado na região do Grande ABC, Estado de São Paulo, conhecida pela forte matriz produtiva.

Os locais de estudo foram definidos de acordo com estudo preliminar (YONEKURA et al., 2010), que analisou as desigualdades sociais no município e que resultou na sua

divisão em quatro regiões. O espaço que concentrava os jovens com mais acesso à riqueza e cidadania foi classificado como Central (C) e aqueles com menos acesso, como Periférico (P). Havia duas gradações intermediárias, uma mais próxima da riqueza, denominada Quase Central (QC) e outra mais próxima da privação, a Quase Periférica (QP).

A **Figura 1** localiza as escolas que fizeram parte da pesquisa de acordo com a região do município.

Figura 1 – Distribuição das escolas por região do Município de Santo André, 2008.



Fonte: Yonekura, Soares, Minuci, Campos e Trapé, 2010.

A escola E10 se situava na região central, porém como se tratava de um Centro Público Profissionalizante frequentado por alunos de regiões periféricas foi classificada como região periférica.

Participaram desta pesquisa, jovens que estudavam nas escolas eleitas. Os critérios de inclusão dos jovens foram: encontrar-se na faixa etária entre 15 e 19 anos; voluntariar-se para participar da pesquisa, a partir de um convite e da apresentação dos objetivos da

pesquisa, com assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pelos responsáveis, no caso de menores de 18 anos).

O objeto empírico foi apreendido com a realização de diversos grupos focais compostos por jovens adolescentes para avaliar as tendências por eles assumidas com relação aos valores sociais que consideram importantes.

Foram realizados 29 grupos focais com 229 jovens, estudantes do ensino médio, nas 10 escolas. Os grupos discutiram diferentes conjuntos de expressões valorativas.

Tabela 1 – Número de grupos realizados por conjunto de valores e grupo social de acordo com a região classificada. Santo André, 2008

Valores/Grupo	C	QC	QP	P	TOTAL
Segurança, confiança e futuro	2	2	2	4	10
Drogas e outras formas de bem-estar e prazer	1	2	4	2	9
Realização/Sucesso	1	2	3	4	10
TOTAL	4	6	9	10	29

O grupo focal, realizado com o apoio de um jogo educativo, adaptado de Thomson e Holland (2004), visou promover o debate e a reflexão entre os jovens sobre as expressões valorativas apresentadas. O jogo constituiu um instrumento vigoroso para coleta de dados junto a jovens, em função da linguagem criativa e dinâmica (YONEKURA; SOARES, 2010).

Os dados foram analisados através da categoria da representação cotidiana, conforme descrita por Viana (2008). A análise das contradições presentes nas opiniões possibilita a percepção da dificuldade dos jovens para fazer frente à ideologia dominante na sociedade, que naturaliza as formas de compreensão das relações e interações sociais e cria a falsa consciência ou consciência alienada. Ao mesmo tempo revela aspectos que dizem respeito às condições concretas da vida social.

Viana (2008, p.139) define opiniões como elementos periféricos das representações cotidianas e descreve a possibilidade de haver contradições entre elas: *Há, no entanto, contradição entre as opiniões e/ou de algumas destas em relação à convicção. A convicção como núcleo das representações cotidianas tem como força motor a mentalidade que expressa valores, desejos, sentimentos, etc. socialmente constituídos, sendo fonte de ideias, representações, ideologias.*

Assim, compreendeu-se que a percepção das contradições presentes nas relações sociais concretas que os homens estabelecem entre si na sociedade de classes possibilitaria perceber a realidade de maneira menos ilusória. As representações que o jovem tem de sua realidade (o que implica o sistema de valores) poderiam revelar as contradições presentes em sua vida concreta, possibilitando posicionamentos críticos, ou em contrapartida poderiam se manter acríticas, homogêneas e indiferenciadas, revelando consciência alienada.

Resultados e Discussão

As dimensões de escola e trabalho, relativas à educação, foram discutidas conjuntamente, diferenciando-se educação - como meio de desenvolvimento do jovem no seu processo de vida - de escola - como agência socializadora ou instituição que tem função de ensinar as normas, os valores e preparar para o mundo do trabalho.

O percurso empreendido visou discutir o universo das representações cotidianas, expressas pelos grupos de jovens, considerados os diferentes contextos de reprodução social de suas famílias.

As representações cotidianas dos jovens de modo geral apontaram tendências valorativas que indicam ligação quase indissociável entre os processos educativos, a escola, enquanto instituição socializadora, e o trabalho. A escola acentua-se como o *locus* de preparação para as altas exigências atuais de qualificação do mercado de trabalho.

Libâneo (p.23) procura compreender as novas exigências da pedagogia frente às mudanças atuais, observando tendência das pedagogias modernas de responder às aparentes necessidades de *intelectualização do processo produtivo*, condição que exigiria dos profissionais alto grau de desenvolvimento das capacidades de abstração, rapidez de raciocínio e visão global do processo de trabalho.

Tiriba e Fischer (2011) referem que na trajetória dos jovens de adquirir condição de maior independência e autonomia material, em especial, para suplantar a dependência da família de origem, a busca de afirmação profissional se torna emergente.

As representações cotidianas dos jovens da escola E2 da região C, em relação ao valor que atribuem à educação, revelam vivência de condição estável e segura. A escola é valorizada e não se atribui a ela possíveis fracassos, restando se confrontar com suas

próprias capacidades e desempenho pessoal. O sucesso profissional e financeiro dos familiares funciona como mecanismo motivador e os pressiona a seguir nos estudos.

[...] Então, você tem muita vontade de entrar em medicina, eu vou correr atrás, por mais que eu não tenha condições de tudo isso, eu vou correr atrás, vou batalhar, vou estudar, vou tentar fazer uma formação, sabe, tentar ser alguém para chegar lá em medicina que é meu ideal. [...] tenho muita vontade de fazer direito pela minha família. Minhas madrinhas são advogadas, e é uma profissão que eu acho [...] superbacana, sabe, elas lutarem, elas estão lutando pelos outros, elas estão lá batalhando pelo que elas acham certo. Eu mudei totalmente aqui, soube que era com estudo, o objetivo, correr atrás, que você vai ter uma vida daqui para frente, gostei muito da profissão de advogada. Estou estudando para entrar na faculdade e me formar em direito, eu tenho a educação dos meus pais, que dão muita força para continuar com esse sonho. Mas sei que se eu tiver muita força de vontade, eu vou conseguir chegar lá (E2).

A aposta excessiva em capacidades e esforços individuais pode significar a reprodução da “vulgata neoliberal”, referida por Frigotto e Ciavatta (2003), de que tudo depende das escolhas individuais. Pode ser também manifestação da segurança que os jovens projetam na família, pelas condições de estabilidade e garantia de manutenção dos estudos até o ingresso no trabalho e a conquista de maior independência. Dessa forma se torna mais intenso o medo do fracasso.

Concorrer a um trabalho, para os jovens da Escola E1 da região C, significa ter que se adaptar ao que o mercado espera, o que exige o exercício constante de ponderação entre as escolhas feitas e as possibilidades de “sucesso”. Há, portanto contradições e contrassensos entre a defesa em manter o que acreditam ser características próprias e valores e o que vai se modificando quando estão em jogo as necessidades de socialização relativas ao trabalho. Observa-se o quanto o processo de socialização vai constituindo novas formas de subjetivação e “formação de identidades”, o sujeito detentor de individualidade é percebido como um “paradoxo”.

[...] você não vai abdicar o que pensa porque o cara da empresa vai falar ‘ah, você vai trabalhar lá, só que você vai ter que comer os produtos da empresa’, você vai ter que mudar alguma coisa, não na sua personalidade assim, como lidar com pessoas, mais assim, nos seus ideais, se você tiver que mexer nisso eu acho que aí muda mais a sua essência. [...] É um paradoxo também achar que você é você o tempo todo. [...] eu acho que ninguém é original nunca, até as suas ideias você pega de alguma coisa do que alguém falou e vai se moldando com vários pedaços, assim você é algo melhorado ou uma pessoa pior que alguma coisa que você já viu, e vai ser assim pra sempre, por mais que esteja fazendo alguma coisa que você acha que é contra o seu valor (E1).

Pode-se dizer que nessa perspectiva o sujeito é o resultado do processo de interação social e encontra-se em permanente mudança “para melhor” ou “para pior”, quando está em jogo o seu sistema particular de valores e as pressões e exigências para o ingresso no mercado de trabalho. Dessa forma ele é colocado em evidência o tempo todo,

manifestando em seu ser as contradições da sociedade capitalista. Percebe-se livre para escolher e agir de acordo com a sua consciência, mas tem que se haver com as consequências de não estar de acordo com os padrões e normas sociais. Para conseguir inserção no trabalho o jovem se submete às condições que o mercado oferece mesmo que isso conflite com os interesses e ideais humanos.

Para Soares (2009, p.63) os jovens se deparam nas sociedades modernas com inúmeras dificuldades para enfrentar decisões em virtude da complexidade cada vez maior que encontra para assumir papéis sociais no mundo adulto – *relacionadas à profissão, à constituição da família, à participação social, entre outras.*

Para os jovens da escola privada E2 da região C tornam-se ainda mais evidentes os dilemas relativos à garantia de se conseguir profissão que os valorize e/ou um trabalho valorizado, do ponto de vista de conquistar melhores padrões de vida. As inseguranças e incertezas em relação ao ingresso e sucesso no mercado de trabalho também mobilizam conflitos pessoais, tornando-os suscetíveis a abandonar os próprios valores, já que a aposta na aparência é um meio promissor valorizado por muitos segmentos empresariais.

Tem aquelas feiras de carros, que tem aqueles carros para trilhadores, a maioria das meninas que estão apresentando os carros são maravilhosas, têm uns corpos exuberantes, vestidos lindos, minissaias para chamar a atenção do público, tentando falar que o carro é tão bonito quanto a moça. Acho que ela leva uma vantagem bem maior, do que aquela que não tem tudo aquilo de beleza. É muito difícil a gente ir em uma feira dessas e ter uma mulher que não é tão bonita. [...] eu acho que o mundo começou a se adaptar a essa forma de ver as pessoas bonitas. Eu nunca vi uma mulher feia na televisão apresentando um carro bonito. Hoje, se aparecesse, eu acharia estranho. Porque eu acho que o público acostumou a ver as mulheres bonitas e os homens bonitos apresentando aquelas coisas (E2).

As representações cotidianas dos jovens da Escola Pública E3 da região QC sugerem debate mais abrangente e rico, que revelam posicionamentos mais críticos em relação ao processo de aquisição de conhecimento e às instituições sociais. Observa-se aprofundamento do debate, o que possibilitou melhor explicitação das contradições presentes na família, nas instituições de ensino e na sociedade.

Para esses jovens ter estudo não garante que o mercado absorva todas as pessoas, o valor em relação a uma determinada profissão sofre variação no decorrer do tempo. Entendem que também é necessário desenvolver outras capacidades, ter crítica e ser criativo, mas ponderam que não depende somente do sujeito, mas das possibilidades concretas oferecidas pelo mercado para que as pessoas demonstrem e exercitem os seus conhecimentos e habilidades.

Os jovens propõem substituir o termo estudo por conhecimento, procurando conferir uma conotação mais ampliada, que serviria para se referir a tudo que possibilita a formação de consciência sobre a realidade social, e não se restringe ao estudo formal. Nesse sentido, buscam unir as coisas que aprenderam no processo de socialização de forma a compor um *corpus* de conhecimento acumulado, o que para eles é o que propicia desenvolvimento e pode ser utilizado em qualquer circunstância da vida, como algo que não se perde. Percebem que o estudo, não restrito ao ensino formal, é importante para ter uma profissão, mas principalmente para o desenvolvimento pessoal e para compreender a realidade social.

São críticos em relação ao projeto educacional do ensino público que para eles mantém o foco em instrumentalizar para o vestibular. As pessoas são formadas para obterem bons desempenhos em provas. As disciplinas e os conhecimentos que possibilitariam maior crítica não são incluídos nos currículos escolares, como as ciências sociais e a filosofia.

A compreensão dos jovens é que há uma “intencionalidade” na sociedade em manter o projeto educacional dessa maneira, pois assim se evita a formação de sujeitos que são contra o capitalismo, e as “revoluções”, incentivando a acomodação.

Sinceridade, esforço, dedicação, humildade, entrosamento, porque hoje conta muito isso, eles batem muito em entrosar com os outros, não você ser antipática, egoísta, mal educada, então acho que essas atitudes fazem a diferença. Antigamente você tinha ensino médio, você já conseguia emprego, hoje não desmerecendo, para você ser um coletor de lixo você tem que ter o ensino médio completo. Então hoje se você tem faculdade é pouco, se você não tiver um curso de língua, se tem o inglês precisa de mais um, porque o inglês todo mundo já tem, “ah, eu sei mexer com o computador”, mas “você tem curso de informática”, “não”, “então não quero”. [...] Eu trocaria a palavra estudo por conhecimento, porque o estudo dá a entender que aquela pessoa senta na biblioteca e fica meia hora, acaba não absorvendo nada. Eu acho que conhecimento seria tudo o que você aprende na escola, com seus pais, em todos os sentidos, é algo duradouro, você faz a diferença, se torna melhor do que a outra pessoa porque se você tem certo tipo de conhecimento e a pessoa tenta te enganar, vai saber como lidar com isso, quando morre o conhecimento vai com você. Todo mundo pode roubar tudo de você, mas se tem conhecimento, atitude, criatividade, pode fazer uma nova vida. Eu acho que ele serve de escudo no sentido de que pode usar ele, tudo o que envolve, como também o que se aprende na escola. Porque você vem para a escola, fica aqui bastante, o professor fala, fala, fala aí você acha que tudo o que aprendeu ali, só vai usar no vestibular, não, pode usar na sua vida também. A escola às vezes nem a parte do vestibular consegue dar, que não tem muito tempo, é muito conteúdo às vezes, então tem aulas que a gente vai debater assuntos, que é legal, é dinâmico, só que eles precisam passar o conteúdo do vestibular porque sem ele não vai dar para ser o que você sempre sonhou desde pequeno. Pode tentar ensinar o que ele quer que você aprenda, porque se ensinasse você a não concordar com o capitalismo, ele não quer que tenha uma revolução no seu

país, ele quer que você se acomode com aquilo que ele está te contando, a situação que está é bem confortável (E3).

Os jovens desse grupo têm percepção de que o padrão de beleza e de aparência é constituído em determinado tempo histórico, como na sociedade atual é o caso de ter cabelo liso e loiro, e ser alta e magra. As necessidades de manter um padrão de beleza, pela crença que vai garantir o sucesso no futuro, podem interferir no interesse pelos estudos. No entanto consideram que não basta a aparência ou impressões superficiais para a construção de relações mais consistentes e duradouras, seja no campo amoroso e afetivo, seja no campo do trabalho.

O mais importante é você ter o conhecimento para conciliar todas as suas virtudes, mas infelizmente nos dias de hoje o mercado de trabalho, as pessoas, cobram que você seja bonita. Quem não gostaria de ser bonita? Ser bonito é uma forma de estar bem com você mesmo, não que isso seja necessário, mas é o que o mercado pede, não é você estar arrumado, estar limpo, é ser bonito e ter mais essa boa aparência, isso é até preconceito porque a boa aparência, o que queria dizer é a pessoa ser branca, não negra. O mercado de trabalho cobra, mas não acho que seja muito importante. [...] A sociedade criou esse modelo de ser bonita, ela tem que ter cabelo liso, tem que ter cabelo loiro, mas o que criou esse modelo de a pessoa bonita, a magra, a alta, e eu acho que a pessoa pode não ser isso que a sociedade coloca, mas ela tem que se arrumar também. Para arrumar um emprego vai com o cabelo todo bagunçado, põe uma roupa aí, ninguém faz isso, todo mundo procura estar de um modo decente para conseguir, porque realmente isso conta, uma boa aparência, mas não que o rosto bonito, se ela não tiver essência, isso não vai resolver, se ela for oca por dentro. [...] É comum, não tem como a gente não querer seguir o padrão, quem fala que é feliz do jeito que é mesmo não seguindo o padrão, é um pouquinho de mentira isso, no fundo ela quer ter uma barriguinha perfeita (E3).

Essa escola pública (E3) situa-se em região próxima ao centro da cidade e diferentemente das demais escolas públicas, é reconhecida pela alta qualidade de ensino público médio, o que pode justificar maior interesse e crítica social dos alunos. Para os jovens dessa escola o que tem maior valor no decorrer da vida são as qualidades humanas desenvolvidas e as boas relações constituídas. Observam que o trabalho alienado e a dependência deste para sobreviver se apresenta como obstáculo para a crítica sobre as dificuldades da vida em geral. O momento do trabalho no capitalismo para o jovem significa aprisionamento do seu tempo e do seu ser político.

[...] não tem como você ficar sem trabalhar, mesmo querendo tudo isso, depende do capital. Não tem como você fazer isso enquanto estiver alienado, se não tiver o apoio de alguém, não tem como fazer sozinho, infelizmente. Por mais que a gente saiba que de certa forma tem que se adequar a esse sistema, o mais importante é não se escravizar junto com ele. A gente tem que trabalhar, mas também não vai viver para isso, a gente é amigo quando está na escola, quando tem bastante tempo. Porque não reservar um pouco futuramente para isso também? (E3)

A tendência crítica desse grupo social (E3) de trazer à tona a discussão sobre mecanismos de controle e alienação do trabalho pela exploração do capitalismo pode abrir

caminhos para o resgate do sentido realizador e transformador que o trabalho pode tomar e dessa forma apontar novas perspectivas para os jovens. Tiriba e Fischer (2011, p.16-7) descrevem experiências de formação de jovens trabalhadores que resgatam a centralidade do trabalho e os sentidos atribuídos por eles: *trabalho como necessidade; trabalho como fonte de independência; trabalho como crescimento; e, para poucos, o trabalho como autorealização*. As autoras discutem a forma de mercadoria e a finalidade de realização do lucro, que o trabalho adquire no capitalismo.

Os dilemas referidos pelos jovens dos grupos das escolas privadas da região C em relação à definição da profissão ou à escolha do caminho de formação parecem relacionados ao que Pochmann (2004, p.239) chama de *gravíssima crise do trabalho no país*, que teria impactos diferenciados sobre os segmentos sociais a depender dos seus padrões de reprodução social.

Considerando as representações dos jovens das regiões mais centrais (E1, E2, E3 e E4) observou-se que as exigências de qualificação são cada vez maiores para ingressar no mercado de trabalho. Não basta somente a conclusão do estudo formal universitário, sendo necessário cumprir outras exigências de formação, acompanhando as rápidas oscilações e mudanças do mercado.

De acordo com Pochmann (2004, p.222), observa-se no cenário atual maior complexidade no processo de transição da adolescência para a vida adulta. O segmento etário de 15 a 24 anos de idade se depara com múltiplas possibilidades, o que torna frágeis os indicadores tradicionais utilizados para definir a fase juvenil. Mesmo uma *formação definitiva na fase adulta pode não ser suficiente para dar conta da condição de independência econômica familiar*. Esse prolongamento do período de dependência pode representar contínua subordinação aos pais, resultando no acirramento de embates intergeracionais e de tensões entre pais e filhos.

O pedagogo Bock (2000, p.12) já referia, em 1998, que a perspectiva do jovem de inserção no mercado de trabalho se tornara instável também para as camadas médias da população, o que já era uma realidade para as camadas mais populares. Essas constatações vinham ocorrendo em sintonia com a diminuição da responsabilidade do Estado pela questão da profissionalização e do encaminhamento profissional.

Martins (2000) discutia à época o contexto da reestruturação produtiva, que impôs mudanças de aumento da produtividade das empresas e da qualidade dos produtos com

introdução de inovações tecnológicas – isto é, máquinas que substituem o trabalho humano – e alterações na organização do trabalho, as quais exigem um novo tipo de trabalhador. Esse processo resultou no desaparecimento de vários tipos de profissões, que são substituídas por novas tecnologias e máquinas, produz-se cada vez mais com menos gente.

Pondera-se, no entanto, que à diferença dos jovens das escolas mais periféricas os jovens das escolas mais centrais podem se manter mais confiantes já que têm maiores garantias de prosseguirem nos estudos. Lachtim e outros autores (2012, p.224) observaram em estudo com jovens de 20 a 24 anos das regiões C e QC que a família é representada como *locus preferencial de confiança porque oferece proteção ilimitada* até que concluam o ciclo dos estudos. O que, por outro lado, contribui para retardar assunção dos *papéis sociais do mundo adulto*.

Para os jovens das três escolas públicas da região QP (E5, E6 e E7) a perspectiva de que o estudo possibilite desenvolvimento pessoal e qualificação para a inserção no mercado de trabalho é mais longínqua que as dos jovens dos grupos mais centrais. A vivência do presente fica mais afetada diante das preocupações com o futuro incerto. As apostas nas oportunidades de trabalho ficam à mercê da sorte e de ofertas pontuais que por sua vez não podem ser desperdiçadas. As ocupações menos valorizadas e mais exploradas encontram-se no raio de proximidade de sua socialização.

Observa-se uma conjunção de questões que tornam os dilemas juvenis destes grupos intensos e mobilizadores de sentimentos, geralmente de angústia e desmotivação, dentre elas as experiências de fracasso familiar, a maior precariedade das escolas públicas frequentadas, além da já referida crise e maiores exigências de qualificação para inserção no mundo do trabalho.

[...] depende do professor, da matéria, tudo, tem matérias que até a gente gosta, mas tem professores que são estúpidos, e a gente acaba não gostando da matéria (E5).

[...] porque a escola nem sempre ensina. Só você trabalhando mesmo para aprender, na prática. [...] Eu acho que sem estudo você não é nada e não chega a lugar nenhum, até pra você ser um gari ou um lixeiro tem que ter pelo menos um segundo grau e se não tiver vai fazer um trabalho pra ganhar 100 reais? Você vai conseguir se sustentar só com 100 reais? [...] se você não gosta, não está prestando atenção, aí nem liga para o que está passando, então não serve para nada. Tem que ter sorte, porque vejo muitas pessoas que tem estudo, tem curso, e é desempregado, não consegue emprego. Tem gente que não tem estudo, e tem um emprego bom, ganha bem, vai melhor do que a pessoa que estudou (E6).

[...] eu acho que na escola particular tem professores que sabem ensinar melhor, são mais rígidos. Aqui não, você faz o que quiser, a diretora fecha a boca e não fala nada. [...] tem professora que passa lição, senta e fala – se vocês quiserem, faz, se não quiser, vai passar do mesmo jeito. O professor passou lição, se o aluno vai fazer ou não, não é problema dele (E7).

Os jovens das três escolas públicas da região P (E8, E9 e E10) se mostram com menos escolhas para investirem em alternativas que possibilitem a melhoria de suas condições de reprodução social. Lançam-se mais precocemente e intensamente na busca de trabalho, como que para uma batalha em uma sociedade que percebem ser altamente competitiva.

As condições adversas, tanto familiares quanto da escola pública que frequentam, funcionam como mecanismos para cobrarem de si maiores esforços e atenção para não perderem oportunidades. Para Tiriba e Fischer (2011) os jovens têm sido mais atingidos com o desemprego, o que intensifica os mecanismos competitivos. Assim para os grupos mais periféricos esses processos se tornam ainda mais acirrados.

Para os jovens desses grupos o estudo se afigura como importante para conseguirem melhores colocações no mercado de trabalho, mas também como forma de proteção para não serem recriminados ou discriminados socialmente.

A possibilidade de contar com ensino de melhor qualidade é lançada para o futuro em uma universidade particular, que tendem a valorizar mais por ser paga. Observa-se nesses grupos maior dificuldade em relação ao reconhecimento do direito à educação pública de qualidade. De outro modo diante das condições mais concretas de precariedade das escolas formulam críticas quanto às diferenças na qualidade do ensino das escolas públicas e privadas. Também observam que melhores condições de reprodução social das famílias estão relacionadas a estudar em melhores escolas, ao acesso a qualidade de ensino e ascensão a profissões mais valorizadas.

Evidencia-se que os dilemas dos jovens desses grupos mais periféricos se referem à sobrevivência e à aposta na melhoria das condições de reprodução social que podem ser possibilitadas pelo estudo, por seu esforço individual ou por circunstâncias relacionadas à sorte, expertise ou oportunidades.

[...] a maioria das pessoas começa a estudar e não termina, aí a pessoa tenta emprego e não consegue [...] Porque você vai até a quinta série, vai arrumar um serviço? Só se for de faxineira [...] Lixeiro, gari está precisando ter o segundo grau. [...] Às vezes você pode não saber nada, literalmente não ter aprendido nada, mas você tem um diploma, não é só um escudo, é como se fosse uma espada também, para você eliminar todos os seus adversários a uma vaga de emprego. O conhecimento é importante. É uma forma de você se defender das coisas, é a diferença com os ignorantes, as pessoas que não conseguem se defender [...] vem também de família, porque aquela que tem

condições já é bem mais fácil de você chegar a uma escola boa, fazer faculdade. Agora, uma pessoa que vem de uma classe mais baixa, já tem dificuldade em conseguir uma escola do governo, muitos não fazem faculdade, é mais dificuldade de emprego [...] (E8).

[...] a gente mora nesses lugares, já tem discriminação pela cor da pele, se a pessoa não tiver educação também não vai para lugar nenhum [...]. Eu acho que quem se dá bem hoje em dia é o esperto. Acho que esperto se dá melhor do que o inteligente, o esperto não espera a oportunidade, ele cria a oportunidade (E9).

[...] o mercado de trabalho está muito concorrido hoje, todos os lugares estão ficando cada vez mais exigentes, estão procurando primeiramente aqueles que têm faculdade. O professor não vem ensinar, ele só vem dar aula, fazer o horário dele, pra poder ganhar o dele, não está interessado se o aluno está aprendendo. [...] de cada dez professores, um consegue impor ordem na sala, o que eu acho errado na escola também é que está faltando professor de português, eles jogam o professor de matemática para o professor de português. [...] eu acredito em sorte, eu fiz uma entrevista esses dias, eu acho, que eu me dei muito bem na entrevista, mas tem outras pessoas que não fizeram nada demais na entrevista e passaram. As meninas porque eram mais bonitinhas, patricinhas, sei lá o que, passou. É sorte (E10).

As representações cotidianas desses jovens permitem constatar que há maior precariedade no ensino das escolas públicas das regiões periféricas, observa-se maior despreparo e grande oscilação de professores, o que dificulta a qualidade e continuidade do ensino. Pochmann (2004) se refere às condições insatisfatórias em que se encontra o sistema educacional brasileiro, inadequadas para a maioria dos jovens impossibilitados de completar o ensino médio. O autor observa que para os jovens filhos de pobres no Brasil há maior precarização das relações com o trabalho. O ingresso precoce no mercado de trabalho vem acompanhado de baixa escolaridade o que os submete a *empregos de menor remuneração conjugados com posições de subordinação na hierarquia do trabalho*.

Também as condições de reprodução social das famílias refletem as formas de valorização da escola, pois é possível que a maioria dos pais desses jovens não tenha conseguido acesso à educação escolar, resultando em menor estímulo para que os filhos estudem. Ainda a necessidade do trabalho precoce e do cuidado das tarefas da casa dificulta a vivência da juventude como um período de *moratória social* (MARGULIS, 2001), o que acontece em outros grupos sociais em condições mais estáveis de reprodução social.

Os jovens desses grupos reconhecem que as escolhas relativas à profissão estão relacionadas e condicionadas à possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, assim como a melhores salários, ainda que essas escolhas possam gerar desinteresse e frustração, dificultando a vivência da relação com o trabalho como fonte de realização.

Dessa forma, os jovens optam por não tomar por base somente as afinidades e os interesses pessoais para fazer a escolha de uma profissão.

Pochmann (2004, p.227) faz referência à perda de sentido do trabalho como forma de desenvolvimento das capacidades e realização humanas. *Mas também, e principalmente, o trabalho na sua forma histórica tem sido mais visado como condição de financiamento da sobrevivência humana, nem sempre associado ao desenvolvimento humano.* Chaves et al (2004) em estudo com jovens de classes menos favorecidas também encontraram resultados semelhantes já que esses tendem a representar o trabalho como um meio para sustentação, como o ganho financeiro. O estudo também refere que a experiência própria do trabalho como é vista por familiares e jovens funciona como um mecanismo desmotivador que tem impacto negativo no seu processo educacional.

Frigotto (2004, p.195-7) discute as mudanças em curso no interior da escola, que tinha na sua concepção burguesa um caráter *social e cultural, de produção de conhecimento e de valores* e ainda constituía *espaço para o desenvolvimento lúdico, estético e artístico para as crianças e jovens.* Para o autor a escola nunca cumpriu tais objetivos para a classe trabalhadora, se imbuíu, no entanto de efetivar *a interiorização ou subjetivação de que o problema depende de cada um, e não da estrutura social, das relações de poder.* Prevaleceu a tarefa de fazer com que o jovem se apoderasse de *competências que o mercado reconhece como adequadas ao 'novo cidadão produtivo.*

De modo geral o que evidencia a partir deste e de outros estudos é que a escola consolida-se na função exclusiva de preparação para o trabalho, atuando como reprodutora do sistema capitalista.

O estudo de Lachtim e Soares (2011, p.280-1), que incluiu jovens de 20 a 24 anos dos mesmos grupos sociais deste estudo verificou que 67% dos jovens da região C estavam cursando uma faculdade, 57% dos jovens da região QC estavam cursando terceiro grau, sendo que nesses dois grupos não havia jovens apenas com o ensino fundamental. Já no grupo da região QP 74% encontravam-se no ensino médio e na P 82% cursavam o ensino médio. Observou-se ainda que 13% dos jovens da região QP e 18% da região P ainda estavam no ensino fundamental. O estudo revelou ainda que nos grupos centrais os poucos que se inseriram precocemente no trabalho desenvolviam atividades junto aos negócios da família. Já as regiões periféricas apresentavam as inserções mais precoces no trabalho.

Pochmann (2004, p.233) constata que os jovens pertencentes às famílias de maior renda têm maior acesso ao *trabalho assalariado* (77,1%), sendo que 49% destes possuem *contrato formal*". Já para os jovens oriundos de famílias de baixa renda "somente 41,4% possuem empregos assalariados, sendo ainda bem menor o contingente de ocupados assalariados com contrato formal (25,7%).

Em estudo que analisou a desocupação entre *jovens pobres e não pobres* Ribeiro e Neder (2009, p.504) observaram que as maiores dificuldades enfrentadas na busca pelo emprego estão entre *os jovens pobres*. Não verificaram redução da taxa de desocupação entre os jovens pobres mais escolarizados, ao contrário dos não pobres. O estudo revela ainda que a perspectiva de transição para a idade adulta já estaria em grande parte "completada" para uma parcela significativa dos *jovens desocupados e pobres*, pois 40% deles já constituíram novo domicílio, enquanto que entre *os não pobres* essa proporção correspondeu a 21%, no ano de 2006.

Para Kehl (2004, p.91) a situação não se configura como confortável quando se trata de ingresso no mercado de trabalho mesmo para os jovens vindos de famílias em condições mais estáveis de reprodução social. A autora refere que em meio aos dilemas postos para os "adolescentes" no "trajeto para a vida adulta", estes se deparam com um cenário ambíguo na sua relação familiar que dificulta a construção de alternativas concretas para conquistar independência. Soma-se a isso o aumento progressivo do tempo de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho e a escassez de empregos.

No entanto cabe observar em particular que este estudo verificou a elaboração de componentes críticos em relação ao atual modelo de organização do trabalho expresso pelos jovens da escola pública E3 da região QC. O que abre caminhos para resgatar o valor da educação para além da sua função social de preparação para o mercado, crítica em relação aos processos de alienação e exploração do trabalho e formadora de sujeitos críticos e comprometidos objetivos coletivos.

Conclusões

As representações cotidianas dos jovens deste estudo revelaram a forte conexão entre processo educacional e processo de qualificação para ingresso no mercado de trabalho,

preocupação que se afigura como central dentre os dilemas juvenis de todos os grupos estudados. Sem dúvida, isso implica em observar que a escola, encarregada da educação formal, está se tornando cada vez mais o *locus* de preparação para as altas exigências de qualificação postas pelo mercado de trabalho e cada vez menos o espaço de formação para o desenvolvimento das capacidades humanas e das relações sociais.

O estudo também evidencia que este processo ocorre de modo desigual e com características particulares nos grupos pesquisados. Os jovens das escolas privadas da região central revelam a vivência de uma condição mais estável e segura quanto aos estudos e aos planos para o futuro. O que não significa dizer que não estão afetados pelas novas contingências e exigências no mundo do trabalho já que também vivem o difícil processo de escolha profissional. As profissões socialmente mais valorizadas são as que trazem retorno econômico e garantem um certo *status* social. Esses jovens têm que fazer escolhas profissionais que estejam em consonância com a velocidade e capacidades requeridas pelo mercado.

Assim conflitos geracionais anteriores entre escolher a profissão que os pais desejavam para os filhos e a que os jovens teriam prazer em vivenciar parecem estar sendo substituídos por dilemas entre o que o mercado aponta como profissão valiosa e a capacidade dos jovens de compreender e acompanhar as mensagens do mercado nesse sentido.

Observou-se que os jovens das regiões periféricas se deparam com contextos familiares, educacionais e de trabalho piores do que os das regiões centrais, que vivenciam cotidianos mais estáveis de reprodução social. Pode se notar que para esses jovens a educação formal se torna empobrecida pelas próprias condições de precariedade do ensino público e condições de reprodução social de suas famílias, mas principalmente pela necessidade de conseguir superar amplitude maior de obstáculos exigidos no seu cotidiano.

Também as possibilidades de qualificação para o mercado de trabalho são mais prementes, o que os remete aos dilemas de conseguir emprego em idade mais precoce do que os jovens das regiões mais centrais. Na corrida competitiva para conseguir colocação apostam no esforço e competência individual, como os jovens das regiões centrais, mas apostam em maior medida na sorte e nas oportunidades que não podem ser desperdiçadas do que nas condições postas por sua realidade concreta.

Assim são mais afetados pelo desânimo e desmotivação nos estudos, projetando interesse em frequentar universidade privada, uma vez que essa escolha supostamente lhes traria maior poder de escolha pelo fato de ser paga. Os contextos familiares, em que estão presentes situações de desemprego ou subempregos dos pais, compõem muitas vezes cotidianos mais conflituosos e até mesmo violentos e intensificam os conflitos, expressos na impossibilidade de viver a idealizada juventude, como período de transição entre a infância e a vida adulta, que parecem ter sua base na contradição entre estudar e ter um futuro incerto.

A particularidade observada na escola pública E3, em que os jovens se mostram mais críticos e politizados, pode ser um indício de desenvolvimento no sistema público educacional de modelos de ensino-aprendizagem que aliam conteúdo e forma, através de disciplinas favoráveis à crítica, professores motivados e qualificados, metodologias participativas, a condições estáveis de reprodução social das famílias dos jovens, que compõem um grupo capaz de sustentar cotidianos de estimulação intelectual e crítica social.

Mesmo reconhecendo os limites do resgate do sentido realizador e transformador que o trabalho adquire na atual conformação do capitalismo, se torna emergente a consolidação de experiências críticas e políticas que confrontem os processos de alienação e fragmentação do trabalho resultantes deste paradigma de produção sobre as experiências juvenis. Conforme se observou na escola E3 da região C é possível que as juventudes constituam novas formas de resistência aliando educação crítica que forme para a vida, e não para o mercado, à criação de novas alternativas que se fundamentem na apropriação do trabalho como condição de realização humana amplificando a participação ativa em todos os processos implicados. Dessa forma o trabalho pode alimentar o seu potencial transformador e educativo para o fortalecimento de valores mais afeitos ao bem-estar comum.

Cabe ainda assinalar que a técnica de grupo focal, embora seja potente ferramenta para abordar aspectos qualitativos da realidade põe à tona opiniões. Assim não permite o aprofundamento suficiente das representações dos sujeitos pesquisados de forma a abstrair convicções. Ou seja, dificulta verificar as razões e o modo de vida dos sujeitos, em suas particularidades históricas (para averiguar o porquê de o sujeito ter aquela opinião), permitindo o elo com as opiniões manifestadas mais amplamente nos grupos.

Nessa perspectiva, as opiniões refletem e reproduzem em grande medida a ideologia dominante na sociedade, contrapondo-se à realidade concreta de diferentes grupos sociais, o que possibilita avaliar sobretudo as contradições presentes nos discursos.

Referências

BIRMAN, J. Tatuando o desamparo. In: CARDOSO, M.R. (Org.). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006. p. 25-43.

BOCK, S.D. A inserção do jovem no mercado de trabalho. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V.; SPÓSITO, M. (Org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000. p.11-6.

CHAVES, A.P.; DIEMER, M.A.; BLUSTEIN D.L.; GALLAGHER, L.A.; DEVOY, J.E.; CASARES, M.T.; PERRY, J.C. Conceptions of Work: The View From Urban Youth. *Journal of Counseling Psychology* Copyright 2004 by the American Psychological Association, v. 51, n. 3, p. 275–286, 2004.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado? *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.45-60, 2003.

GROPPO, L.A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação Cogeime*, v.13, n.25, p. 9-22, 2004.

KEHL, M.R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

LACHTIM, S.A.F, Soares CB. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v.9, n. 2, p. 277-293, 2011.

LACHTIM, S.A.F.; SOARES, C.B.; CAMPOS, C.M.S.; COELHO, H.V.; MOREIRA, C.R.; SILVA, S.M. Valores sociais atribuídos à família por jovens de diferentes grupos sociais. *Revista de Ciências da Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás-FESGO*, Goiânia, v.02, n.07, p. 216-227, 2012.

LIBÂNEO, J.C. *As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação*. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/16367378/Teorias-Pedagogicas-modernas-Libaneo#page=8> >. Acesso em: 03 fev. 2013.

MARGULIS, M. Juventud: una aproximación conceptual. In: BURAK, S.D. *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001.

MARTINS, H.H.T.S. A juventude no contexto da reestruturação produtiva. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V.; SPÓSITO, M.P. (Org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 17-40.

POCHMANN, M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 217-241.

RIBEIRO, R.; NEDER, H.D. Juventude(s): desocupação, pobreza e escolaridade. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v.19, n. 3, p. 475-506, 2009.

SOARES, C.B. *Consumo contemporâneo de drogas e juventude: a construção do objeto da perspectiva da saúde coletiva*. 2007. Livre docência - Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, São Paulo, 2007.

SOARES, C.B. Agências de socialização e valores sociais: a família, a escola, os pares e o trabalho. In: BORGES, A.L.V.; FUJIMORI, E. (Org.). *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. Barueri, São Paulo: Manole, 2009. p. 61-81.

SOARES, C.B; SANTOS, V.E; CAMPOS, C.M.S; LACHTIM S.A.F; CAMPOS, F.C. Representações cotidianas: uma proposta de apreensão de valores sociais na vertente marxista de produção do conhecimento. *Rev. esc. enferm. USP*, v.45, n.2, p.1753-1757, 2011.

TIRIBA, L.; FISCHER, M.C.B. Formação de jovens trabalhadores associados na produção da vida: questões para debate. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v.14, n.1, p. 13-29, 2011.

THOMSON, R.; HOLLAND, J. *Youth values in transition to adulthood: an empirical investigation*. London: London South Bank University, 2004.

VIANA, N. *A dinâmica da violência juvenil*. Rio de Janeiro: booklink, 2004.

VIANA, N. *Os valores na sociedade moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007a.

VIANA, N. *A consciência da história: Ensaio sobre o materialismo histórico-dialético*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007b.

VIANA, N. *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*. Bauru, SP: Edusc, 2008.

YONEKURA, T.; SOARES, C.B. El juego educativo como estrategia de sensibilización para recolección de datos con adolescentes. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v.18, n.5, p.1-7, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n5/es_18.pdf >. Acesso em: 04 mar. 2013.

YONEKURA, T.; SOARES, C.B.; MINUCI, E.G.; CAMPOS, C.M.S.; TRAPÉ, C.A. Mapa das juventudes de Santo André. *Rev Saude Publica*, v.4, n.1, p.45-52, 2010.